

Sapatos e trombone, cartas e martelos: narrativas à margem dos pilotis

"A ação é a condição humana da pluralidade"
Hannah Arendt

Dalva Martins de Almeida (UnB)
Orientação: Prof^ª Dra. Cíntia Schwantes

Resumo: Bigornas e máquinas de costura de sapatos, cartas e fotografias, trombones e tesouras preservados, não são apenas coisas que se guardam, relíquias de famílias ou propriedade de acumuladores. Cada ranhura, o tom em sépia das fotografias e papéis, os desgastes implicam em um tipo de memória. Por outro lado, representam o modo de ser e estar de um povo especial: o candango. Candango, palavra africana que significa "trabalhador braçal", foi tido como coadjuvante na construção da capital federal. Nos canteiros de obras que ergueram Brasília, suas vozes foram massificadas, concretadas em um único bloco sócio-cultural, e transferidas para longe do centro, onde o suor de seu trabalho significou o sal que temperou aquela terra, e não podia mais abrigá-los. Quem ouviu suas histórias? Este trabalho integra a pesquisa: "Caminhos: produção de narrativas e etnografias" organizada da pelo Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea, e se ocupará na produção das narrativas oriundas dos objetos-memórias coletados.

Palavras-chave: Polifonia; narrativas; memória; espaço; oralidades.



Introdução: Peter Stallybrass (2012, p.14) faz análises em torno da "sociedade da roupa" onde essa é considerada "tanto uma moeda quanto um meio de incorporação", e reflete que uma "roupa é um tipo de memória". Em sua explicação sobre essa relação objeto-memória que delineia-se, ele propõe a questão da ausência-presença que cercam os usos dos objetos. E após o olhar atento, os discursos memoriais saltam aos olhos: quantas narrativas são possíveis tecer a partir da presença-ausência dos manipuladores desses objetos? Gumbrecht (2015, p.14) ensina destituir um modo de pensar cartesiano da história quando propõe os discursos espaciais e a simultaneidade do tempo passado, presente e futuro.

Objetivos

- Compreender a permanência de sentidos dos instrumentos de trabalho, como discursos da resistência, na compreensão do amplo presente, que se expande do passado ao futuro, e revelar as dissonâncias do discurso da capital de todos.
- Construir narrativas a partir das narrativas, compreendendo a expansão dos feitos desses candangos e de seus instrumentos no espaço-tempo.

Polifonias

Antônio Cabral Viana,
80 anos. Sapateiro.

Morador do Gama desde 1958. "O meu maquinário está comigo desde o final dos anos sessenta. Se ele pudesse falar as coisas que já passamos juntos, eita!"

Madrinha Germana, 85 anos. Parteira. "Botei muita gente importante nesse mundo. Essa tesoura já cortou o "imbigo" de muita gente importante. Só restaram as histórias na minha cabeça. Essa tesoura é um tesouro."

Passu Preto, carpinteiro e tocador de trombone. 84 anos. "Minha maleta é igual uma cartola de mágico. Toquei muita marchinha."

Posso ver as marcas no martelo do seu Passu. A bigorna do seu Tonho está tingida por gotas de sangue secas. Sangue e suor misturados como no stradivarus...



Metodologia: Bhabha (2010, p. 21) orienta que: "A articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, e confere autoridade aos hibridismos culturais". A construção do presente texto encerra, de certo modo, tal articulação, ao observar e valorizar os diferentes discursos, as vozes das minorias, dos que foram alijados do processo de reconhecimento da memória candanga. Este trabalho tem se desenvolvido a partir da aproximação e abordagem de moradores da quadra dezoito do setor oeste do Gama, em sua maioria. Em primeiro lugar foi realizado um levantamento dos moradores que chegaram em Brasília na década de 1960 até 1980, os moradores catalogados não são muitos, devido a idade avançada ou morte. Após os encontros e diálogos, procedi ao registro das informações para a composição das narrativas, a partir das contações, da apreciação dos objetos como resgate das memórias locais.

Conclusão:

A reescrita das histórias a partir da manipulação dos objetos-memória favoreceu-nos reviver os códigos sociais implícitos nos veios que o tempo abriu nas ferramentas, o enfrentamento e resistência perante as condições áridas em que os candangos viveram, e como construíram suas histórias às margens do espaço urbanizado da capital federal. Transitando no espaço da capital federal, os trabalhadores e seus equipamentos são os possíveis "flâneurs" de Boudelaire, por passarem, imperceptíveis, pelo espaço burguês, e tocarem o meio, embora o meio social não os absorve.

Referências bibliográficas:

- ARENDR, Hannah. A condição humana. Trad. Roberto Raposo. 13 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.
- BHABHA, Homi K. O local da cultura. Trad. Miriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. Nosso amplo presente: o tempo é a cultura contemporânea. Trad. Ana Isabel Soares. 1 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- STALLYBRASS, Peter. O casaco de Marx: roupas, memória, dor. Trad. Tomaz Tadeu. 4ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

